

ENTREVISTA

ALI KAMEL

JORNALISTA E SOCIÓLOGO

"O uso da violência é uma deturpação da religião"

Aos seis anos do atentado de 11 de setembro, o povo brasileiro tem acesso ao livro "Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e a origem do terrorismo", onde Ali Kamel - diretor executivo de Jornalismo da Central Globo de Jornalismo - faz um hábil cruzamento dos ensinamentos das três principais religiões monoteístas do Planeta para demonstrar a estreiteza na percepção da fé muçulmana como fonte de violência e terror

MARISTELA CRISPIM
Repórter

De onde emergem suas respostas às muitas indagações do mundo ocidental em relação ao Islã?

Minhas respostas emergem de muitos anos de pesquisa. Minha indagação era: como uma tradição tão próxima da tradição judaico-cristã pode ser vista no Ocidente como algo tão exótico? Eu me dediquei, então, a mostrar como tudo, no Islã, surge também em Adão e Eva, Caim e Abel, Noé, Abraão, Isaac, Ismael, Jacó, José, Moisés e Jesus, até chegar a Maomé, que sempre se viu como o herdeiro dessa cadeia de profetas. Meu livro enfatiza as semelhanças, e nisso se distancia dos demais. Fiz isso para que, depois, nas partes finais do livro, o leitor pudesse compreender como os terroristas corrompem a mensagem de paz que o Islã representa.

Qual é a sua percepção sobre a evolução e o estágio atual do mundo muçulmano?

Eu vejo o mundo muçulmano se mexendo, como todos os mundos. Não existe nada estático, e a História mostra isso. Eu digo, no livro, que se o Islã não estivesse num movimento acelerado de mudança não teria dado origem a uma reação tão tresloucada como o terrorismo islâmico. O terrorismo não é a prova de que o Islã não se moderniza. É o contrário: ele é a prova da modernização do Islã. Porque, se não houvesse modernização, reação alguma seria necessária. O leitor vai poder acompanhar tudo numa linguagem clara, didática, que não foge dos temas mais polêmicos: o Islã é violento? Oprime a mulher? Por que e em que medida? Por que o uso do véu? O apedrejamento de mulheres adúlteras é uma prática?

Então qual a sua avaliação para questões como a misoginia, o uso do véu, o apedrejamento de mulheres e a circuncisão?

No pouco espaço dessa entrevista, como é normal, é difícil abordar questões tão complexas. Eu acho que nada substitui a leitura do livro, em que enfrente de frente tais questões. O Islã é misógino? Mas qual religião não tem um quê de misoginia? E até que ponto o Islã é misógino, se permite que a mulher se divorcie, mesmo contra a vontade do marido? No meu livro, eu explico a origem do véu, mas conto que nem toda muçulmana o utiliza.

Quais são os principais preconceitos ocidentais em relação ao Islamismo?

O principal preconceito é o de que o Islã não se moderniza. Mas, hoje, a culpa pelo preconceito não é do Ocidente, mas dos terroristas, que enlameiam a religião. São eles que man-

Os terroristas são totalitários: eles têm uma verdade e querem impor esta verdade ao mundo pela força"



A turma de Bin Laden acha que é uma obrigação divina converter o mundo ao Islã"



A parte do mundo que é racional deve fazer a razão prevalecer. Onde a razão prevalece, a intolerância diminui"

BIBLIOGRAFIA



O livro
Obra escrita de forma didática e jornalisticamente, leva o leitor a conhecer o Islamismo, não se detendo às diferenças com outras religiões, mas às semelhanças com as outras fés.

cham o Islã, fazendo multidões acreditarem que o Islã é o terrorismo, quando, na verdade, é o seu oposto.

O que diferencia sunitas de xiitas?

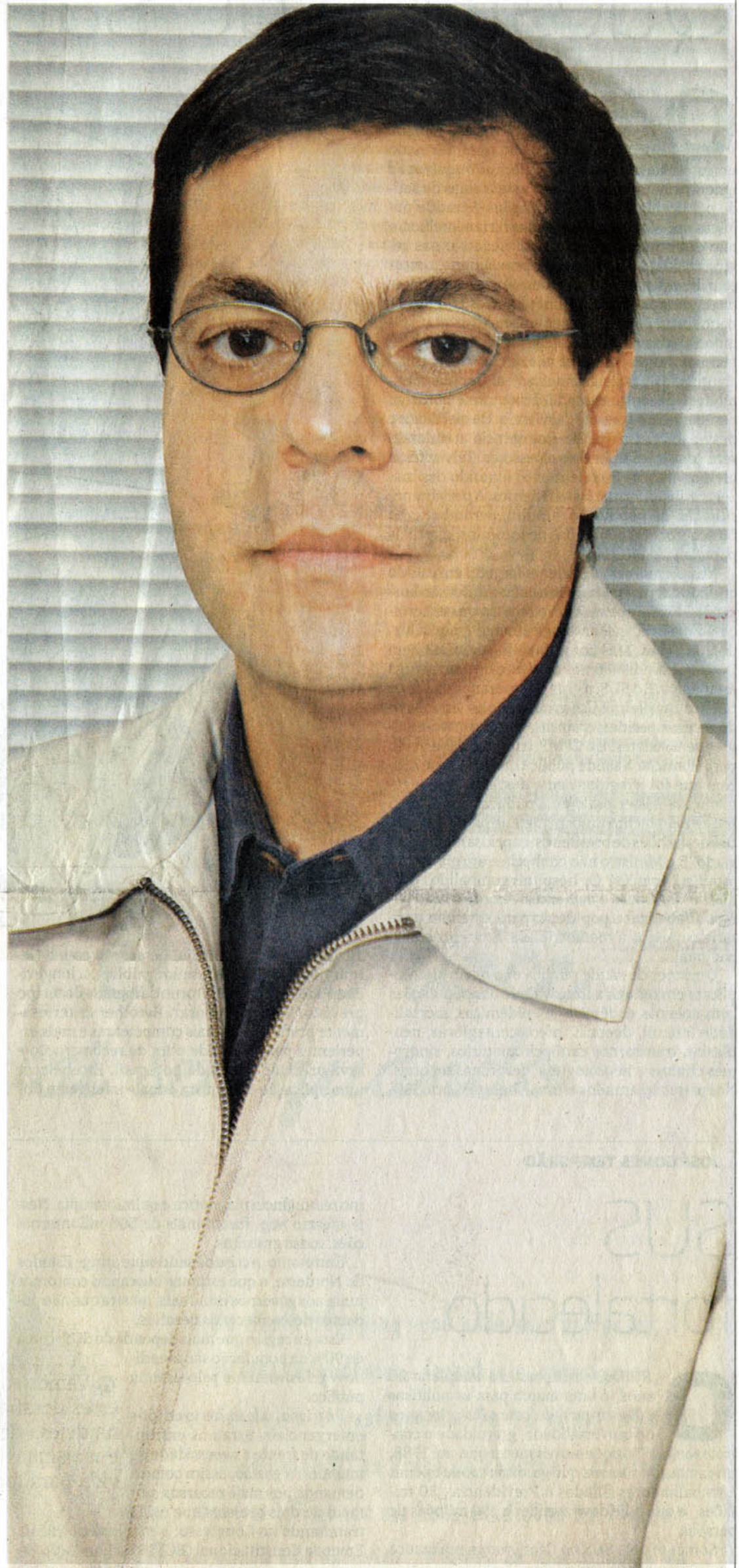
A divisão aconteceu na morte do profeta. Os sunitas acreditam que o Profeta jamais apontou um sucessor. A revelação divina estava feita e tudo o que os muçulmanos tinham a fazer era seguir o Alcorão e o exemplo do Profeta. O sucessor (califa, em árabe), seria apenas o líder da comunidade. Já os xiitas sempre acreditaram que o Profeta queria como sucessor seu primo e genro Ali (xiita vem de shiit-al- Ali, os partidários de Ali). Para eles, a revelação também acabou, mas ela guarda significados ocultos que só um Imã pode decifrar. E todos os Imãs tem de vir da descendência de Ali, que acabou sendo o quarto califa, mas foi morto, assassinado. Para a maior parte dos xiitas, o mundo, depois de Ali, teve mais dez Imãs, o último dele ainda vivo até hoje, mas oculto desde o século X (ele só reaparecerá no final dos tempos).

Daria para explicar, de forma objetiva, os processos do fundamentalismo e do totalitarismo e suas diferenças?

O que eu digo no livro é que o que caracteriza o terrorismo não é o fundamentalismo. Não há mal algum em ser fundamentalista, porque o fanático que vive a sua religião de maneira absoluta, se fizer algum mal, faz a si mesmo: eles não saem por aí obrigando os outros a viverem como eles. O que caracteriza os terroristas é que eles são totalitários: eles têm uma verdade, acreditam-se com acesso a Deus, e querem impor esta verdade ao mundo pela força. Isso seria um mandamento divino. Note que Bin Laden em sua última aparição disse que só havia duas maneiras de acabar com a guerra no Iraque: prosseguir na luta sangrenta e violenta até que os americanos sejam destruídos ou até que os Estados Unidos se convertam ao Islã e abandonem as suas instituições democráticas. Eu explico isso no livro com pormenores. A turma de Bin Laden acha que é uma obrigação divina converter o mundo ao Islã, ou ao que eles acham que é o Islã. Por isso são totalitários. Tal como Hitler ou Mao ou Stalin.

Qual é a origem da Al Qaeda?

A origem concreta da Al-Qaeda se encontra na década de 1990, quando os guerreiros árabes que derrotaram o poder soviético no Afeganistão se dedicaram a construção desse grupo com o propósito de islamizar o mundo. Mas a origem desse pensamento é muito anterior, data de 1928, com a criação da Irmandade Muçulmana, com o propósito de recriar o califado. O principal teórico do terrorismo islâmico é um egípcio, condenado a morte por Nasser na década de 1960, Sayyid Qutb.



ALI KAMEL: "Eu vejo o mundo muçulmano se mexendo, como todos os mundos. Não existe nada estático, e a História mostra isso" FOTO: DIVULGAÇÃO

Ele escreveu muitas obras, todas elas formando a base do terror.

Qual a explicação para o uso da violência - sem deixar de lembrar que os cristãos também já usaram desse expediente - quando filosoficamente as religiões pregam a paz?

O uso da violência é uma deturpação da religião. Simples assim. É a sua negação. O Cristianismo, com a Inquisição, teve o seu momento totalitário. E já se desculpa por isso. Num certo sentido, era até mais grave que o terrorismo islâmico, porque era algo que vinha de cima, do comando da religião. No caso do Islamismo, vêm de grupos radicais e minoritários, se considerarmos que os muçulmanos são mais de um bilhão, a imensa maioria, pacífica.

Quais são os principais mitos

envolvendo a Guerra do Iraque?

Muitos, menos um: ela é um retribuinte fracasso, por culpa da inépcia de Bush. Mas, no meu livro, com base em muitos relatórios do Senado e de comissões de inquérito, eu mostro que a decisão de invadir o Iraque era defensável. Mostro isso passo a passo. O principal problema era o temor, compartilhado pelos democratas também, de que, sem o Afeganistão, o Iraque acolhesse os terroristas. Se com um Estado pária e fraco como o Afeganistão os terroristas conseguiram destruir as Torres Gêmeas e parte do Pentágono, o que fariam se tivessem o apoio do Iraque?

O senhor propõe, então, alguma alternativa para que as diferenças, não apenas religiosas, mas étnicas, raciais e culturais possam conviver

pacificamente num mundo que se propõe globalizado?

Eu não tenho essa pretensão. Digo apenas que a parte do mundo que é racional deve fazer a razão prevalecer. Onde a razão prevalece, a intolerância diminui.

O senhor buscou diversas traduções do Alcorão e até propôs mudanças. As traduções das "sagradas escrituras" interferem muito nas interpretações?

As traduções interferem sim, e isso é motivo de muito estudo. Infelizmente, não temos uma tradução do Alcorão que seja excelente. Então o que fiz foi cotejar as várias com outras traduções para outras línguas e, em alguns versículos, propor uma nova redação, chancelada por um sheik estudioso do Alcorão.